

La Comédiathèque

Strip Poker

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Strip Poker

Jean-Pierre Martinez

Tradução e adaptação pelo próprio autor

Convidar os novos vizinhos para jantar e os conhecer melhor: uma aposta arriscada, que pode sair muito cara e transformar-se numa comédia em que todos acabam por pôr as cartas na mesa...

PERSONAGENS

Pedro
Maria
Joaquim
Carmo

© La Comédiathèque

ATO 1

Na sala de estar, Maria, uma loira atraente que se arranjou para a ocasião, prepara uma mesa de festa para quatro pessoas. O telemóvel toca. Ela atende.

Maria (*amável*) – Estou...? (*Irritada*) Ah, não, desculpe, não é o Pedro. É a Maria, a mulher dele... Está a ligar para o meu telemóvel... Posso deixar-lhe um recado...? Muito bem... Não, não faz mal...

Volta aos preparativos com uma animação um pouco excessiva. O telemóvel torna a tocar.

Maria (*ainda mais irritada*) – Estou...? (*Amavelmente*) Ah, olá, Júlio... Sim, sim, está tudo bem... Mas não te disse que deixei de fumar...? Desde esta manhã... Não, não estou grávida, podes descansar, mas já fumava dois maços por dia. Ao preço a que está o tabaco, calculei que daqui a um ano posso pagar um safari no Quénia. Se só aguentar uma semana, ainda me dá para um passe dos transportes de Lisboa. Seja como for, com o que já poupei hoje comprei um frasco gigante de Nutella... (*Suspira*) Nunca pensei que custasse tanto... Mas o que é que queres? Hoje em dia já nem no cemitério se pode fumar... O Pedro? Vai andando. À espera de melhor... Não, estava a falar do trabalho dele... Desculpa, tenho de desligar. O porco com ameixas está a ficar seco. Depois falamos, sim? Tchau, tchau...

Maria desliga, fareja o ar e lança um olhar preocupado ao público.

Maria – Não cheira a gás...?

Corre para a cozinha. Pedro entra a assobiar, com ar de intelectual. Tira a gabardina, senta-se no sofá e folheia o Público, cuja manchete é «Os telemóveis provocam cancro?». Maria regressa. Ele larga rapidamente o jornal e assume uma expressão trágica.

Maria (*alegremente*) – Olá!

Pedro (*sinistro*) – Olá...

Maria (*ao ver-lhe a cara*) – O que se passa?

Pedro – Vão despedir-me...

Maria – Despedir-te?! Mas porquê?

Pedro – Deslocalização...

Maria – Bolas... Lamento imenso...

Deixa-se cair no sofá.

Pedro (*patético*) – Não me vais deixar, pois não?

Maria abraça-o para o consolar.

Maria – Mas que disparate! Eu trabalho! E acabei de deixar de fumar. Com o que vamos poupar, quase podias passar a trabalhar a meio tempo... E, se for preciso apertar o cinto, apertamo-lo. (*Põe a mão na barriga.*) Vou deixar a Nutella...

Pedro (*a dramatizar*) – Não quero ser um peso para ti... Prefiro acabar com tudo...

Maria – Não digas disparates... Somos casados, Pedro! Para o melhor e para o pior! Guardamos o melhor para o fim... Mas é incrível que vos deslocalizem assim, sem avisar...

Pedro – Sabes como é... A globalização...

Maria – Mas espera lá... Vão deslocalizar a Biblioteca Nacional? E para onde é que a vão levar? Aquilo é um edifício enorme!

Pedro – Para a China... Vão desmontá-la, meter tudo em caixotes e reconstruí-la numa zona industrial nos arredores de Cantão. Já começaram a desmontar uma ala...

Maria (*horrorizada*) – Não me digas!

Pedro – Digo, digo...

Maria – Mas o que é que os chineses vão fazer com aqueles livros todos? Não vão perceber nada! Nem sequer os vão conseguir pôr por ordem alfabética...

Pedro – Vão traduzir a literatura portuguesa toda para esperanto com programas de tradução automática. Depois digitalizam os livros e guardam tudo num computador gigantesco em forma de pagode. Para consultar seja o que for, é preciso pagar uma assinatura, como na televisão por cabo. E o papel vai para reciclagem. Sempre se poupam os últimos eucaliptos que ainda restam na China... (*Suspira.*) Se o meu sacrifício servir para salvar uns pandas...

Maria (*arrasada*) – Não pode ser...

Pedro ainda tenta manter-se sério, mas acaba por desatar a rir.

Pedro – Claro que não! Acreditaste mesmo numa parvoíce destas?

Maria (*furiosa e aliviada ao mesmo tempo*) – Não se brinca com essas coisas...

Pedro – Agora a sério, não me dava jeito nenhum perder o emprego. Até não ganho mal... e sobra-me muito tempo para escrever. Por falar nisso, tenho uma boa notícia: as Edições Confidenciais aceitaram publicar a minha peça!

Maria (*fingindo entusiasmo*) – As Edições Confidenciais...? Fantástico!

Pedro – Bom, à minha custa... Tenho de vender pelo menos quatro mil exemplares para pagar a impressão. Quatro mil exemplares desaparecem num instante, não achas?

Maria – Entre os teus pais e os meus... Se cada um comprar mil!

Pedro esfrega as mãos de contente com um sorriso de satisfação.

Pedro – Bem, jantamos? Hoje dá o Strip Poker...

Maria (*desconcertada*) – Queres que façamos os dois um strip poker?

Pedro – Strip Poker, aquele reality show da televisão, sabes perfeitamente qual é!

Maria – Pois não...

Pedro – Convidam casais. Cada vez que um dos dois prefere não responder a uma pergunta do outro, tem de tirar uma peça de roupa!

Maria (*suspirando*) – Não percebo como consegues ver disparates desses...

Pedro – Vá lá... Hoje é a final!

Maria – Pois hoje, final ou não, não vais poder ver...

Pedro – A televisão avariou-se?

Maria – Não... Mas não vais poder ver...

Pedro – Porquê, proíbes-me?

Pedro apercebe-se que a mesa está posta para quatro pessoas.

Pedro – Não me digas que convidaste os teus pais?

Maria – Os vizinhos.

Pedro – Os vizinhos? Mas eles mudaram-se há um mês...

Maria – Os novos vizinhos!

Pedro – Os novos vizinhos? Mas nem sequer os conhecemos!

Maria – Precisamente! Cruzei-me com ela junto aos contentores do lixo e achei que era uma boa ocasião para nos conhecermos.

Pedro – Para quê?

Maria – Para nos conhecermos, só isso.

Pedro – E para que é que precisamos de os conhecer?

Maria – É sempre bom conhecermos os vizinhos... Nunca se sabe se vamos precisar deles...

Pedro – Precisar deles...? Para quê?

Maria – Sei lá... para regarem as plantas quando saímos...

Pedro – O teu gato comeu a única planta verde que tinha no meu escritório, no domingo passado, quando fomos almoçar aos teus pais.

Maria – Exatamente! Se tivesse havido alguém para dar de comer ao gato, não teria comido a tua planta... A propósito, hoje ainda não o vi...

Pedro suspira.

Pedro (*inquieto*) – Eles têm filhos?

Maria – Penso que têm três...

Pedro – Não me digas que também os convidaste?

Maria – De certeza que preferem ficar tranquilamente em casa deles. (*Irónica*) Para não perderem a final do Strip Poker.

Pedro – Não me esfregues sal na ferida...

Maria – E moram mesmo aqui ao lado...

Pedro – Mas não eram os vizinhos da frente?

Maria – Os vizinhos da frente? Suicidaram-se há seis meses! Não te lembras do aparato de bombeiros durante a noite, com as luzes e as sirenes?

Pedro – Não...

Maria – Pois eu acordei com aquela barulheira toda. E desde esse dia que tenho pesadelos. Eles deixaram o gás aberto... Foi uma sorte o bairro não ter ido todo pelos ares...

Pedro – Há pessoas que não pensam mesmo nos outros... E porque é que se terão suicidado assim? E logo os dois?

Maria – Vá-se lá saber... Se calhar nessa noite não havia nenhum programa interessante na televisão... Se os tivéssemos convidado, talvez...

Pedro – Não me vais dizer que convidaste os vizinhos para jantar só para não te sentires responsável se, por acaso, eles decidissem suicidar-se hoje à noite...?

Maria – Por falar nisso, hoje recebi várias chamadas para ti no meu telemóvel...

Pedro – Ah, desculpa, perdi o meu. Deixei o teu número na mensagem do atendedor de chamadas do escritório. Para o caso de algum produtor telefonar por causa da peça... Tenho de estar sempre contactável, percebes?

Maria (*atónita*) – O número do meu telemóvel?! Não era mais simples comprares outro?

Pedro – Olha, até cheguei à conclusão de que se pode viver perfeitamente sem telemóvel...

Maria – Pois sim... Quando se tem uma mulher à mão de semear para fazer de telefonista...

Pedro – Ouve lá, tu estás a tentar deixar de fumar e eu decidi passar sem telemóvel. Vamos ver quem aguenta mais tempo.

Maria (*exasperada*) – Pois, mas eu não te peço para fumares os cigarros por mim!

Pedro volta a folhear o Público. Só o público consegue ver a manchete: «Os telemóveis provocam cancro?». Maria lança-lhe um olhar exasperado.

Maria – Não achas que podes ir mudar de roupa antes que eles cheguem?

Pedro – Quem?

Maria – Os vizinhos!

Pedro – Ah, é verdade! Já tinha esquecido esses dois!

Pedro, resignado, prepara-se para ir mudar de roupa.

Maria – Eu vou ver se o forno não se apagou. Não cheira um bocadinho a gás?

Pedro encolhe os ombros e sai. Maria também sai por um instante e regressa com garrafas e copos para preparar o aperitivo. Pedro volta com roupa demasiado descontraída.

Maria – Foste pôr o pijama?

Pedro – Não é um pijama! É um fato de treino para usar em casa.

Maria – E as pantufas, ou também não são pantufas...?

Pedro – Ouve lá, se queremos ser íntimos dos vizinhos, mais vale estarmos à vontade, não achas...?

Maria – Imagina que ele vem de fato e gravata e ela de vestido de noite... Não lhes disse que isto era uma festa do pijama!

Ele volta a sair, suspirando. Ela continua a preparar as coisas. Ele regressa vestido normalmente.

Pedro – Estou bem assim?

Maria – Serve...

Pedro olha para o correio que está na mesa de apoio.

Pedro – A Comuna, Livros Cotovia, Companhia de Teatro de Almada...

Ela olha-o intrigada.

Pedro – Estou a brincar, infelizmente... (*Olha novamente para os envelopes.*) EDP, água, telecomunicações... (*Suspira.*) O trio do costume.

Maria – Se calhar os Correios estão outra vez em greve. Nessas alturas só prestam os serviços mínimos: entregam as faturas.

O telemóvel de Maria toca de novo, ela responde.

Maria – Estou...? (*Com uma simpatia forçada*) Não, é a central telefónica. Não desligue, vou passar-lhe a chamada. (*Entrega o telemóvel a Pedro, furiosa.*) É o teu amigo Paulo...

Ele agarra no telemóvel como se não se passasse nada de especial.

Pedro – Estou, olá Paulo... Tudo bem... Sim... Há algum tempo, sim... Terça-feira? Porque não... Mas tenho de falar com a Maria. Agora ela está ocupada. Ligas-me amanhã? Ok, se eu não estiver em casa, tenta o telemóvel...

Olhar furioso de Maria.

Pedro – Ok, até amanhã, Paulo...

Ele desliga.

Pedro – Mas que chato!

Maria – O que é que ele queria?

Pedro – Convidar-nos para jantar na terça-feira. É o aniversário da mulher dele...

Maria – Pensava que ele era o teu melhor amigo...?

Pedro – Os aniversários deprimem-me... Eu por acaso convido-os para os teus aniversários?

Maria – Para os convidares precisavas de saber a data...

Pedro – Não, sem telemóvel vou ter muito mais sossego... Mas onde é que se meteram os vizinhos? Não podem dizer que ficaram presos no trânsito: moram em frente!

Maria – Ao lado...

Pedro – Isso mesmo, nem sequer têm que atravessar a rua!

Maria – Calma, ainda só são nove horas...

Pedro – A esta hora normalmente já jantámos. Estou cheio de fome... *(Surpreendido)* E cheira tão bem! *(Desconfiado)* O que é que preparaste?

Maria *(orgulhosa)* – Porco com ameixas. Vi a receita numa revista...

Pedro – Ah... Não sei se era a melhor noite para experiências culinárias, mas enfim...

Pedro – Nem sei como se chamam essas pessoas...

Maria – Ela chama-se Carmo e ele Joaquim, acho eu...

Pedro – Ah, já são íntimos, pelo que vejo... E o apelido?

Maria – Não me lembro. É parecido com uma marca de detergente.

Pedro – Skip? *(Maria nega.)* Persil? Não me digas que é Omo?

Maria – Star! *(Menos segura)* Ou Stern... Ou Estrela...

Pedro – Star, Stern ou Estrela?

Maria – Sei lá... Soava a detergente. Logo veremos... Isso tem importância?

Pedro – Pode ter! Se for Stern, o teu porco com ameixas... Bem, as ameixas sempre podem comê-las. E fazem bem ao trânsito intestinal...

Maria *(preocupada)* – Bolas, não pensei nisso...

Pedro – Pois... Quando se convidam pessoas que não se conhecem...

Maria – Tens razão, mas como é que eu ia desconfiar? Joaquim e Carmo, não são...

Pedro – Nem todos os muçulmanos se chamam Maomé.

Maria – Pensas que eles são muçulmanos...?

Pedro – Deixa estar, no que diz respeito ao porco vai dar ao mesmo, não é?

Maria – Talvez não sejam praticantes...

Pedro – Se calhar devias prever uma pizza congelada... Vegetariana, de preferência...

Tocam à porta. Maria fica petrificada, em pânico.

Maria – E agora o que é que fazemos?

Pedro – Acho que não podes deixar de abrir a porta. É o que se faz quando se convidam pessoas e elas tocam à porta. Ou então fechamos as luzes e vamos ver a final de Strip Poker na casa de banho...

Maria – Vou abrir...

Ela desaparece para ir abrir a porta e receber os vizinhos.

Maria (*fora de cena*) – Boa noite, boa noite... Entrem, façam favor... Oh, não era preciso, não era preciso...

Pedro – O brinde do detergente... Skip, Star ou Estrela...

Maria regressa à sala de jantar, com um ramo de flores na mão, seguida pelos vizinhos.

Pedro (*imitando a amabilidade afetada de Maria*) – Boa noite, boa noite... Tudo bem...?

Maria – São margaridas? Têm umas pétalas enormes!

Carmo (*embaraçada*) – São tulipas...

Maria – Claro, são magníficas!

Carmo – Podem ter murchado um pouco com o calor.

As flores estão, de facto, bastante murchas.

Maria – Vou já pô-las numa jarra com água...

Pedro – Talvez ainda ressuscitem...

Os vizinhos entram. Carmo, morena, na casa dos cinquenta e bem conservada, é magra e veste-se com elegância austera, de fato-saia e cabelo apanhado. Joaquim, mais corpulento e desajeitado, traz uma garrafa e um fato tão amarrotado como as flores. Formam um casal bastante convencional, em contraste com Pedro e Maria, mais jovens e descontraídos. Maria faz as apresentações.

Maria (*a Joaquim*) – Apresento-lhe o meu marido... (*Realça o apelido.*)
Pedro Açafrão.

Os dois maridos cumprimentam-se com um aperto de mão.

Pedro (*sinistro*) – Muito prazer...

Maria (*a Joaquim*) – E o senhor é...?

Joaquim (*sorridente*) – Joaquim...

Maria – Só Joaquim, muito bem...

Joaquim entrega a garrafa a Pedro.

Joaquim – É para vocês, é melhor pô-la no frigorífico...

Pedro – Um Raposeira! Muito obrigado, Joaquim...

Joaquim – Bem fresco é tão bom como o champanhe, não acha?

Pedro (*irónico*) – E assim não nos arruinamos, não é? Vou pô-la no congelador. Para que fique ainda melhor.

Pedro leva a garrafa para a cozinha.

Maria (*embaraçada*) – Encontraram facilmente?

Os vizinhos ficam perplexos: moram mesmo ao lado.

Maria (*a tentar emendar*) – Não, eu sei que moram aqui ao lado... Queria dizer... Arranjaram facilmente... (*Improvisa*) alguém para tomar conta das crianças?

Carmo – Sim! A mais velha toma conta dos dois pequenos. E, se não se importarem, daqui a um bocado vamos lá dar uma vista de olhos.

Pedro regressa.

Maria – Como é que se chamam os vossos filhos?

Carmo – Sara, Ester e o mais novo é o Benjamim.

Maria tenta perceber a que religião pertencem os vizinhos, mas não chega a qualquer conclusão.

Maria – Benjamim... É lógico ... O mais pequeno...

Carmo – Presumo que não tenham filhos...

Ligeiro incómodo.

Maria – Ainda não... (*Arrisca-se.*) Desculpem, mas o vosso apelido é Star, Stern ou Estrela?

Pedro – Como o detergente...

Joaquim – Estrela.

Maria (*aliviada*) – Ufa! Receávamos que fossem judeus!

Mau estar dos convidados. Maria, petrificada, tenta emendar a mão.

Maria – Desculpem, é só porque fiz porco assado com ameixas... Mas arranja-se outra coisa. Deve haver uma quiche no congelador... Sem cerimónias...

Pedro – A menos que marquemos o jantar para outro dia...

Maria fuzila-o com os olhos.

Carmo – Não mudem nada por nossa causa. O porco assado está ótimo...

Joaquim (*sem perder a compostura*) – E as ameixas...? São kosher? (*Maria fica embaraçada.*) Estou a brincar... Desde que não tenham caroço! É por causa dos dentes, como eu costume dizer.

Maria (*forçando um sorriso*) – Ainda bem que têm sentido de humor... E, afinal, judeus ou muçulmanos, que importância tem?

Pedro – Podia ter sido pior! Podiam ser dentistas ou informáticos...

Novo mau estar...

Maria – E se começássemos pelo aperitivo...?

Escuro.

ATO 2

Os dois casais tomam um aperitivo. Pedro e Maria já estão fartos daquela conversa, mas fazem um esforço para ouvir as histórias insípidas de Joaquim.

Joaquim – O problema de nós, dentistas, é que hoje passamos mais tempo a preencher formulários do que a tratar dentes. E agora é tudo no computador... Como costume dizer, ensinaram-me a manejar a broca, não o rato. Felizmente, a minha mulher dá-me uma ajuda. A informática é a especialidade dela, mas eu...

Pedro e Maria concordam amavelmente.

Joaquim – E depois, hoje em dia as profissões liberais estão sufocadas com impostos e contribuições... A propósito, conhecem esta anedota?

Pedro e Maria fingem interesse.

Joaquim – Um dentista vai fazer um cruzeiro no Pacífico com a mulher. Há um naufrágio e o navio afunda-se...

Maria solta uma enorme gargalhada forçada. Os outros três ficam espantados.

Joaquim – Não, ainda não é essa a parte engraçada...

Maria fica de novo séria.

Joaquim – Andam à deriva durante uma semana, até chegarem a uma ilha deserta. A mulher entra em pânico e diz: «Nunca nos vão encontrar!»

Maria volta a rir às gargalhadas.

Joaquim – Ainda não...

Maria fica de novo séria.

Joaquim – E ele pergunta: «Pagaste as contribuições à Segurança Social antes de sairmos?» Ela diz que não. E ele responde: «Então não te preocupes. Vão encontrar-nos de certeza!»

Joaquim desata a rir da própria anedota. Maria, escaldada, não se ri.

Joaquim – Agora era...

Maria faz um esforço para rir, com ar idiota. Joaquim tira o maço de tabaco e oferece um cigarro a Pedro.

Joaquim – Um cigarro?

Pedro – Não, obrigado, eu não fumo...

Joaquim estende o maço a Maria.

Maria – Deixei de fumar esta manhã...

Carmo olha para Joaquim com ar de reprovação e ele guarda o maço.

Joaquim – Bem... Nesse caso não vos vou encher de fumo... Mas fala-se muito dos cigarros, e os telemóveis também não fazem bem à saúde. Li uma coisa sobre isso hoje no Público. Parece que basta um quarto de hora por dia para ficarmos com um tumor no cérebro...

Maria pega no Público que Pedro deixou debaixo da mesa de centro e lê a manchete: «Os telemóveis provocam cancro?»

Joaquim – Têm toda a vantagem em não ultrapassar esse tempo!

Maria lança um olhar incendiário a Pedro.

Joaquim – Eu fumo mas não tenho telemóvel!

Maria (*irónica*) – O meu marido também não. Prefere que o tumor me apareça a mim...

Joaquim – Sabem o que é que é mais penoso na minha profissão?

Pedro e Maria fazem de conta que pensam na resposta.

Joaquim – Lavar as mãos constantemente, entre dois pacientes. Olhem para estas mãos, tão secas! Podia usar luvas, é verdade, mas... A medicina dentária é uma coisa de grande precisão. Já tentaram enfiar uma agulha com luvas de boxe?

Pedro – Nunca. Aliás, coso muito pouco. Prefiro fazer malha.

Joaquim – Como costume dizer, nós, dentistas, temos uma vantagem em relação aos psicanalistas: no meu consultório o paciente também chega, deita-se e abre a boca... Mas depois só tem autorização para me ouvir!

Carmo – Estás a maçar os nossos anfitriões com essas histórias...

Maria – Não, não nos maça nada...!

Carmo – Falem-nos antes de vocês... (*A Maria*) É professora, não é?

Maria – De solfejo, sim... Mas não sei se isso será muito mais interessante...

Pedro lança a Maria um olhar que lhe assinala mais uma gafe.

Carmo – Ah, o solfejo... Estudei isso durante mais de 10 anos quando era jovem...

Maria – E tocava algum instrumento?

Carmo – Não, nem sequer um... Os meus pais deviam pensar que o solfejo era uma língua morta. Como o latim e o grego. Mas quando fiz 18 anos disse: chega!

Pedro (*irónico*) – Ena, era uma adolescente muito rebelde!

Carmo – Depois inscrevi-me num curso de danças de salão.

Maria – Mas que mudança...

Joaquim (*ternamente*) – Foi lá que nos conhecemos, Carmo e eu...

Maria (*fazendo de conta que está interessada*) – Não me diga?

Joaquim – Sim, sim... Nessa época eu dançava muito bem, sabe... Ainda agora não danço nada mal... Parece que 40% dos homens conheceram as suas mulheres convidando-as para dançar. (*Para Pedro*) Também foi assim que seduziu a sua encantadora mulher...

Pedro – Não... Eu comecei por a agarrar selvaticamente à entrada de um prédio, num dia de tempestade, depois de lhe oferecer abrigo debaixo do meu guarda-chuva... Dizem que é muito raro os casais conhecerem-se assim...

Silêncio embaraçante.

Maria – O meu marido está a brincar, claro...

Pedro – Ela detesta que eu conte isto...

Maria – Posso servir-vos outro aperitivo?

Carmo – Sim, obrigada... Mas só um dedo...

Pedro – Antes ou... depois do aperitivo?

Maria fulmina Pedro com o olhar e serve de novo os convidados.

Carmo – Inscrevemos o Benjamim no jardim de infância aqui ao lado. Sabem se tem boa reputação?

Maria – Não faço ideia. Não temos filhos.

Carmo – Ah é verdade. Desculpe...

Pedro – Ah, mas não é propriamente culpa sua, pois não?

Silêncio embaraçante.

Carmo – E o senhor, Pedro? O que faz na vida?

Pedro – Eu? Nada...

Ar de conversa de circunstância dos vizinhos

Carmo (*solidária*) – Está desempregado...

Pedro – Não, não procuro emprego. Diria antes que sou... um assalariado inativo. Não imaginam como é difícil chegar a este ponto! Fazer de conta que se trabalha sem fazer nada... É preciso ser um grande ator.

Carmo (*embaraçada*) – Nesse caso... o que é que faz quando não está a trabalhar? Quero dizer, fora do horário do escritório...

Pedro – Sou ator, precisamente! De vez em quando...

Carmo – Ator? Agora percebo por que razão a sua cara me era familiar... Em que é que já o vi?

Pedro – Costumam ver as novelas que dão à tarde na televisão?

Joaquim – Às vezes! É à hora da minha sesta...

Pedro – Então já viram aquela publicidade a seguros de funeral que passa antes?

Joaquim não tem ar de quem sabe do assunto.

Pedro – Aquela que dá entre o anúncio dos aparelhos auditivos e o das cadeiras elevatórias para escadas.

Joaquim – Sim, talvez...

Pedro – Pois o tipo que está no caixão sou eu...

Joaquim – Não me diga...?

Pedro – Um papel de decomposição, digamos assim...

Olhar furioso de Maria para Pedro.

Carmo – E tirando isso, tem outros projetos...?

Ouve-se a campainha da porta.

Joaquim – Estão à espera de mais convidados?

Maria – Não... Não estamos à espera de mais ninguém...

Pedro vai abrir.

Pedro (*off*) – Já...? Está bem, desculpe, já volto...

Pedro regressa com os calendários dos Correios.

Pedro – É o carteiro... Veio pedir as boas-festas e trouxe calendários.

Joaquim – Já? Mas estamos tão longe do Natal... Tem a certeza de que é o carteiro?

Pedro – É um tipo com uma farda igualzinha àquela que usa o carteiro que me traz a correspondência todos os dias...

Joaquim – Ah...

Pedro – Não tem uma nota de dez? É que não tenho trocos... Depois devolvo-lha...

Joaquim procura contrariado nos bolsos.

Joaquim – Que azar, gastei a última nota de cinco no espumante. Só tenho uma moeda de dois euros...

Pedro – Sendo assim... Vou-lhe dar a garrafa que nos trouxeram... Se não se importarem?

Joaquim – Não... não nos importamos nada...

Pedro passa os calendários a Joaquim.

Pedro – Então só tem que escolher...

Enquanto Pedro vai buscar a garrafa ao frigorífico, Joaquim põe os óculos de leitura e examina os calendários com uma seriedade excessiva.

Joaquim – Acho que vou ficar com este dos 3 gatinhos... São amorosos... Não achas, Carmo?

Pedro regressa com a garrafa de espumante.

Pedro – Pode ficar com o calendário... Uma vez que o carteiro vai levar a sua garrafa...

Joaquim – Muito obrigado...

Pedro sai com os restantes calendários e a garrafa.

Pedro (off) – Pronto, está mesmo fresquinho... E um Feliz Natal...

Pedro regressa.

Carmo – «Feliz Natal» em pleno mês de outubro? Estão doidos!

Pedro – Deve ser das alterações climáticas... Já não há estações do ano. Até os carteiros andam desorientados...

Maria – Acho que vou ver como está o meu porco com ameixas. Tenho a impressão de que cheira a gás...

Joaquim (*levantando-se*) – E eu aproveito para dar um pulinho a casa e ver se as crianças estão bem. Antes de passarmos à mesa...

Maria – Vá, esteja à vontade...

Joaquim – Não se incomode que eu conheço o caminho.

Carmo (*levantando-se também*) – Diga-me por favor, onde é que posso lavar as mãos? Os amendoins... São sempre um pouco gordurosos...

Maria – Claro que sim. A porta mesmo ao fundo do corredor...

Joaquim e Carmo saem.

Maria – Que ideia foi essa de lhes dizeres que fizeste de morto num anúncio de seguros de funeral? (*Imita-o.*) «Um papel de decomposição...»

Pedro – Foi para descontrair, porque a conversa estava... insuportável, não estava? E ainda só vamos no aperitivo! Assim não aguento até à sobremesa...

Maria – É verdade que eles não são lá muito interessantes, mas...

Pedro – Não mesmo, é preciso inventar qualquer coisa que os afugente.

Maria – Agora é demasiado tarde para anular o jantar. Não os voltamos a convidar e pronto.

Pedro – Espera lá, que eles vão convidar-nos a seguir, vais ver. Achas que vamos escapar assim? Puseste uma engrenagem infernal a funcionar!

Maria – Bolas, estás a exagerar... Bem, vou tentar acelerar o serviço... Olha, vai abrindo a garrafa de vinho enquanto esperamos...

Pedro – Pelo menos consegui livrar-me do espumante. Provoca-me gases...

Maria vai para a cozinha. Pedro agarra na garrafa de vinho. Carmo regressa.

Carmo – Foi muito simpático da vossa parte convidarem-nos. É bom conhecer melhor os vizinhos... Eu até andei na escola aqui na zona, há muitos anos, mas já não conheço quase ninguém. E podemos sempre ajudar-nos uns aos outros...

Pedro – É exatamente o que a minha mulher costuma dizer... (*Tem uma ideia.*) E ainda bem que fala nisso, porque precisava de lhe pedir um favor.

Pedro passa-lhe a garrafa.

Pedro – Importa-se de abrir esta garrafa? Não sei se ainda tenho forças...

Carmo, intrigada, começa a tentar abrir a garrafa. Sem qualquer jeito, faz esforços para tirar a rolha.

Pedro – Não queria estragar a noite, mas... tenho cancro...

Surpreendida, Carmo acaba por tirar a rolha de uma só vez. Pedro pega na garrafa e serve vinho, continuando a falar.

Pedro – Acabaram de me descobrir um tumor... Devo ter passado dos quinze minutos...

Carmo – Os 15 minutos...?

Pedro – O telemóvel... As radiações... Devia ser um modelo antigo...

Carmo (*condoída*) – No cérebro...

Pedro – Pior...

Carmo olha para ele, interrogando-se sobre o que poderá ser pior.

Pedro – Nos testículos...

Carmo (*horrorizada*) – Não me diga...!

Pedro – Sabe, o kit mãos-livres protege o cérebro, mas as radiações vão parar mais abaixo...

Carmo – Estou verdadeiramente desolada...

Pedro (*erguendo o copo*) – À sua saúde... Não nos vamos deixar ir abaixo!

Tocam no copo um do outro num ambiente sinistro.

Carmo – Mas... Agora já há tratamentos...

Pedro – Sim... Mas o cirurgião está a pensar num transplante... (*Uma pausa.*) Foi precisamente por isso que pedi à minha mulher para vos convidar... A si e ao seu marido...

Consternação de Carmo.

Pedro – Um pouco mais de vinho?

Carmo, que bem precisa de algo para se animar, não recusa. Ele enche o copo até à borda e ela bebe-o de um só trago.

Carmo – É bom este vinho, não é?

Pedro – Coma uns amendoins...

Carmo serve-se.

Pedro – Então é assim... Preciso de um dador...

Carmo – Um dador...?

Pedro aproxima-se dela e agarra-a pelos ombros.

Pedro – Pode viver-se muito bem com um só testículo... É uma operação simples. Ao fim de uma semana já nem se lembra, e a cicatriz mal se vê...

Carmo (*perplexa*) – Quer dizer que... Tenho de falar com o meu marido... Não sei se...

Maria regressa e vê-os naquela posição ambígua.

Carmo (*embaraçada*) – Vou ver se o Joaquim está a dar conta dos miúdos... Sabem como são os homens...

Ela sai precipitadamente.

Maria – Ora bem... Parece que finalmente simpatizaram um com o outro...

Pedro – Não digas nada, é um pesadelo, é mesmo preciso arranjar uma maneira de nos livrarmos deles...

Maria – O que é que queres que façamos? Não os vamos pôr à porta, fomos nós que os convidámos!

Pedro – Nós...

Maria – Ok, fiz uma asneira, mas o que queres que faça... Como o vinho já está servido... Bolas, esqueci-me do pão...

Antes de voltar à cozinha, Maria olha para a revista de onde tirou a receita.

Maria (*desapontada*) – Não ficou nada parecido com a fotografia da revista...

Pedro – Se acreditas que todas as mulheres na rua são como as modelos das revistas, não vejo por que razão o teu porco com ameixas havia de ser igual ao da fotografia...

Maria encolhe os ombros e sai, contrariada, mas volta-se para Pedro antes de se dirigir para a cozinha.

Maria – Mesmo assim, tenta ser um pouco mais amável com eles...

Pedro – Para ficarem grudados a nós?

Maria – Se calhar vão ser nossos vizinhos durante vinte anos. Seria uma pena zangarmo-nos com eles logo à chegada...

Pedro – A melhor maneira de ter boas relações com os vizinhos é nunca lhes dirigirmos palavra...

Maria prepara-se para voltar à cozinha.

Maria – Já agora, viste por acaso o gato?

Pedro (*embaraçado*) – Não o vejo desde esta manhã...

Maria – Espero que a tua planta verde não seja tóxica.

Maria sai. Joaquim regressa.

Joaquim – Carmo foi deitar o mais pequeno e já volta. Os outros dois ficaram a ver televisão...

Pedro – Strip Poker...?

Joaquim – Desenhos animados... (*Inspira o aroma da comida.*) Hum, cheira tão bem! (*Põe a mão no ombro de Pedro.*) Tenho a certeza de que vamos dar-nos muito bem. E, como somos vizinhos, nem precisamos de pegar no carro para voltar a casa. Podemos beber à vontade, sem correr o risco de soprar no balão!

Pedro – Diga-me Joaquim... Posso tratá-lo por Joaquim?

Joaquim – Claro que sim, Pedro. Entre vizinhos...

Pedro – Você é tão simpático. Tinha uma pequena proposta para lhe fazer. Eu e a minha mulher...

Joaquim (*intrigado*) – Sim?

Pedro – Já ouviu falar de... troca de casais?

Joaquim (*perplexo*) – Vagamente...

Pedro – Pois bem, eu e a minha mulher... Claro que só se estiverem interessados. Não se sintam obrigados! Costumamos fazer isso entre a sobremesa e o café. Se não vos apetecer, basta irem-se embora quando servirmos o queijo. Nós percebemos...

Joaquim fica atrapalhado. Carmo regressa.

Carmo – Pronto! Vamos poder passar uma noite tranquila... só os quatro...

Carmo repara no mal-estar de Joaquim.

Carmo – Não te sentes bem?

Joaquim – Sim, sim... Estávamos a falar do comércio internacional, da globalização, das deslocalizações... A minha mulher também gosta muito de... trocas, sabem?

Carmo *(a corrigir, embaraçada)* – Trocas comerciais...

Maria chega da cozinha com o porco com ameixas.

Maria – Pronto, se não têm nada contra a carne de porco, podemos passar à mesa...

Sentam-se à mesa num silêncio constrangedor.

Maria – Carmo, fique à direita do meu marido...

Carmo obedece sob o olhar inquieto de Joaquim. Maria serve os convidados.

Carmo – A carne está com um aspecto muito apetitoso...

Maria prepara-se para servir Pedro.

Pedro – Não quero, obrigado...

Maria – Não tens fome?

Pedro – Nem por isso... E a carne sempre me causou um pouco de repugnância. A vocês não...?

Joaquim e Carmo olham para boquiabertos.

Pedro – Sabem que, geneticamente, o porco é um dos animais mais próximos do ser humano? As diferenças são mínimas... Mínimas...

Os convidados, desmotivados com a conversa, comem com menos apetite. Maria muda de assunto.

Maria – E você, Carmo? Ainda não nos disse o que faz...

Carmo – Tenho sempre algum receio em dizer o que faço... Nos tempos que correm não é muito bem visto...

Pedro – Faz strip-tease... ou é mecânica numa garagem?

Carmo – Pior... Sou... *(Com solenidade)* Cost killer.

Incompreensão por parte de Pedro e Maria.

Joaquim – Uma espécie de caçadora de custos... Embora eu lhe chame caçadora de cabeças.

Maria – E isso é exatamente o quê?

Carmo – Sou consultora. Chamam-me quando uma empresa está em dificuldades financeiras para cortar os ramos mortos e deixar espaço aos que ainda podem crescer...

Maria (*impressionada*) – Parece-me interessante...

Joaquim – A minha mulher faz rolar cabeças! É a Inquisição em pessoa quando se trata de cortar despesas... E uma verdadeira fanática das trocas!

Carmo (*a corrigir*) – Trocas comerciais...

Joaquim – Sim... Com certeza...

Maria – E quantas cabeças cortou ultimamente com a sua motosserra?

Carmo – Até agora trabalhei sobretudo para empresas privadas. Mas o setor público também começou a contratar os meus serviços. Aliás, acabei de receber uma missão nova...

Maria – Espero que não seja na Educação! Se for, imagino que comecem por eliminar os professores de solfejo...

Carmo – Não se ria. Mais cedo ou mais tarde, chega-lhes a vez. Mas agora trata-se de outro enorme sorvedouro de dinheiro público...

Maria – Não me diga que é a Assembleia da República...

Carmo (*satisfeita*) – A Biblioteca Nacional.

Pedro sufoca.

Pedro – A Biblioteca Nacional...?

Carmo – Isto fica aqui entre nós, claro. Começo amanhã e ainda ninguém sabe. Vou avaliar os funcionários e só ficam os mais produtivos. Os outros serão substituídos por computadores...

Joaquim – A minha mulher é uma máquina de despedimentos! Quando acabar com a Biblioteca Nacional, os livros ainda lá estarão... Os funcionários é que não sei!

Maria fica sem voz e Pedro quase desmaia.

Carmo – Mas estou a chatear-vos com isto tudo... O vosso porco com ameixas está excelente. Dá-me a receita?

Joaquim levanta-se.

Joaquim – Dão-me licença? Tenho que ir à casa de banho antes de atacarmos a sobremesa... Deve ter sido das ameixas...

Carmo – E eu aproveito para ir ver se as crianças não estão a ver porcalhonices nos canais porno. Não estão no nosso pacote mas às vezes dá para ver...

Enquanto Joaquim e Carmo saem.

Pedro (*desesperado*) – Estou feito... Vou ser dos primeiros a ir para o cadafalso...

Maria – Se não te tivesses vangloriado de ser pago para não fazer nada... (*Imitando-o*) É mesmo preciso ser um bom comediante...

Pedro – Como é que eu podia adivinhar que ela era uma autêntica carrasca? Tem um ar tão inofensivo... E foste tu que a convidaste! Se me tivesses dito que a própria Inquisição vinha jantar cá a casa, tinha tido mais cuidado...

Maria – Agora já não sei como podemos dar a volta a isto...

Pedro – Ainda por cima, propus ao marido uma troca de casais para a sobremesa...

Maria – Desculpa?

Pedro – Era para eles se porem a andar mais depressa...

Maria – Obrigadinha! Agora ela não só vai achar que és um parasita como também um tarado sexual... E se ele aceitasse?

Pedro – Só falei com o marido... E não disse que não. Mas agora temos de fazer tudo para que fiquem, e tentar salvar a situação...

Maria, à beira de uma crise de nervos, acende um cigarro.

Maria – Acho que hoje não é o dia certo para deixar de fumar.

Maria dá uma longa passa no cigarro, com prazer.

Maria (*voluptuosamente*) – Ai que bom...

Pedro olha para ela, perturbado, mas aguenta-se.

Pedro – Neste momento só vejo uma solução...

Maria – O gás, como os vizinhos da frente...?

Pedro – Ela ainda não sabe que trabalho na Biblioteca Nacional... Temos de aproveitar o resto da noite para descobrir alguma coisa que a comprometa...

Maria – E como pensas fazer isso? Não vais pedir-me que aceite a proposta indecente que fizeste ao marido dela para depois os chantagearmos e ficares com o emprego?

Pedro – Não, se pudermos evitar... Para já podíamos fazê-la beber... Essa aí deve ter alguma coisa a esconder... com o seu ar de não me toques.

Maria – Achas que basta embebedá-la para ela subir para cima da mesa e confessar os seus pecados? A não ser que lhe metas a cabeça no forno... Era preciso arranjar uma maneira de a obrigar a falar...

Pedro – Uma confissão pública... Tenho uma ideia...

Maria – Qual...?

Pedro – Strip Poker!

Maria – Queres propor-lhes um strip poker?

Pedro – Como no programa da televisão! Quando ela estiver um bocadinho alegre, propomos uma partida...

Maria (*inquieta*) – Que género de partida?

Pedro – É uma espécie de jogo da verdade: quem perde tem de responder a uma pergunta indiscreta. E se não quiser responder, tira uma peça de roupa. Ela adora competir. Vai aceitar, vais ver...

Maria – Eu nem sequer sei jogar muito bem póquer...

Pedro – Tens coisas a esconder?

Maria – Não especialmente, mas...

Pedro – Então?!

Joaquim e Carmo regressam.

Joaquim – Agora já estou melhor!

Maria – Pronto, podemos passar à sobremesa...

Embaraço de Joaquim.

Joaquim – Já começa a ser tarde, não acham? Se calhar não vamos incomodá-los muito mais tempo...

Carmo (*admirada*) – Por amor de Deus, Joaquim, não vamos sair como se fôssemos ladrões...

Pedro (*subitamente amável*) – Mas não incomodam nada! E depois podemos jogar um jogo de sociedade... Gostam?

Carmo – Agora tocaram no meu ponto fraco! Adoro jogar. Não é, Joaquim?

Escuro.

ATO 3

Ambiente de casino clandestino, cheio de fumo. Os quatro estão sentados à volta de uma mesa de póquer, bastante descontraídos e de cigarro na boca, sob a luz de um candeeiro. Maria baralha as cartas com a destreza de um profissional, para surpresa de Joaquim e Carmo.

Pedro – Como não temos fichas, jogamos com botões. Todos perceberam? No fim de cada mão, quem tiver mais botões pode fazer uma pergunta a quem tiver menos...

Os outros opinam.

Joaquim – Desde que não sejam os botões das minhas calças... Tirando o que tenho por baixo, não tenho nada a esconder.

Pedro – Todos temos alguma coisa a esconder. Basta saber fazer as perguntas certas...

A atmosfera fica mais pesada. Os quatro jogadores apostam. Joaquim corta. Maria dá as cartas.

Pedro – Querem um digestivo?

Carmo – Porque não? Um pequeno excesso de vez em quando...

Joaquim – Não sei se é boa ideia. Hoje em dia podemos ser responsabilizados por deixar sair convidados completamente bêbados...

Pedro – Mas foram vocês que disseram que não vão conduzir. Moram mesmo aqui em frente...

Joaquim – Ao lado...

Pedro – Então nem correm o risco de ser atropelados a atravessar a rua! Mas podem ficar a dormir cá em casa, se quiserem...

Ar embaraçado de Joaquim.

Carmo (*despejando o copo de uma só vez*) – Hum... Sabe mesmo a pera...!

Sorriso forçado de Joaquim. Maria acaba de dar as cartas. Cada um olha para o seu jogo e observa os outros.

Pedro – Duas cartas...

Maria dá-lhe as cartas.

Carmo – Três...

Joaquim – Uma...

Maria – Não troco nenhuma.

Voltam todos a olhar para os seus jogos. Entreolham-se. E falam, cada um de cada vez.

Pedro – Desisto...

Joaquim – Eu também...

Carmo – Subo a aposta em dois.

Maria – Pago para ver...

Carmo mostra o jogo com uma excitação infantil.

Carmo – Póquer de ases! Alguém tem melhor?

Maria (*derrotada*) – Três valetes...

Carmo apanha as apostas. Cada um olha para os botões que lhe restam.

Carmo – Agora é a minha vez de fazer uma pergunta...

Mal-estar dos outros, enquanto contam os seus botões. Maria, que é quem tem menos, fica com cara de caso.

Carmo – Portanto é para a Maria!

Alívio de Pedro e Joaquim.

Carmo – A Maria tem de nos dizer a verdade...

Maria (*inquieta*) – Força...

Carmo – Alguma vez roubou alguma coisa numa loja?

Maria até fica aliviada.

Maria – Sim... Uma vez... Uma tenda...

Carmo – Uma tenda...?

Maria – Uma tenda de campismo!

Joaquim – Que coisa... Nunca me passaria pela cabeça roubar uma coisa dessas! Uma tenda de campismo dá nas vistas, não?

Carmo – Uma tenda...? Foi... Por necessidade? Não sabia onde dormir...

Maria – Para ir acampar! Estava num centro comercial. Fui à caixa pagar e disseram-me que tinha de ir a outra. Procurei-a e, quando dei por mim, já tinha passado pelos pórticos de segurança e estava na rua...

Pedro – Não foi propriamente um roubo... Porque não tinhas intenção de roubar essa tenda...

Maria – Digamos que não voltei atrás para pagar... Tive medo de fazer disparar o alarme ao voltar a entrar com uma tenda que tinha roubado sem querer. Estão a imaginar-me a explicar aquilo aos seguranças? Não costumam ter muita imaginação...

Os outros ficam com cara de quem imagina a situação.

Carmo – Foi mesmo a única vez?

Maria – Sim...

Carmo – Então pode dizer-se que você é uma mulher honesta...

Maria – Sabe, a maior parte das pessoas só é honesta porque não tem coragem de ser desonesta... Nunca me pareceu que o risco compensasse o prazer de roubar.

Joaquim (*já um pouco bêbado*) – E de enganar o marido?

Maria – Isso é uma nova pergunta...

Joaquim – Tem razão...

Começa outra mão. Apostam. É Pedro quem distribui.

Carmo – Uma carta...

Joaquim – Não troco nenhuma.

Maria – Eu também não.

Pedro – Duas cartas...

Apostam de novo.

Carmo – Continuo.

Joaquim – Também.

Maria – Desisto...

Pedro – Pago para ver...

Mostram os jogos.

Pedro (*triunfante*) – Full!

Joaquim – Sequência de cor! Cinco cartas seguidas do mesmo naipe!

O sorriso de Pedro desaparece. Maria lança-lhe um olhar irónico.

Maria – Isto promete...

Joaquim apanha as apostas.

Joaquim – É a minha vez de fazer uma pergunta...

Os outros três, na defensiva, contam os seus botões.

Joaquim – É para o Pedro...

Ar resignado de Pedro.

Joaquim – Alguma vez teve vontade de matar alguém?

Pedro – Antes desta noite, quer dizer?

Joaquim – Com uma verdadeira intenção de passar ao ato, claro.

Carmo – Senão não conta.

Joaquim – Se prendessem todos os maridos que têm vontade de matar as suas mulheres pelo menos uma vez por semana... As prisões estariam sobrelotadas...

A mulher dele lança-lhe um olhar fulminante. Pedro tenta lembrar-se.

Pedro – Não me lembro... (*Ri-se.*) Ah, sim! Foi no segundo ciclo. Havia uma miúda de óculos que estava sempre a chatear-me. Um dia, na piscina, atirámos-lhe os óculos para a parte funda. Ela não sabia nadar, mas, em pânico, atirou-se à água para os recuperar. Nós desatámos a rir. Passados cinco minutos, como não vinha à superfície, lá chamámos o nadador-salvador... E nós ainda nos rimos mais! Já nem me lembro do nome da pobre rapariga...

Carmo – Carmo Pimentel...

Pedro (*petrificado*) – Sim, talvez...

Carmo – A miúda dos óculos era eu...

Pedro – Não... !?

Carmo – Eu bem sabia que já tinha visto a sua cara...

Joaquim intervém para desanuviar o ambiente.

Joaquim – Bom... Mais uma partidinha?

Outra partida. Sem convicção. E num silêncio pesado. Carmo dá as cartas.

Joaquim – Saio.

Maria – Estou bem...

Pedro – Também saio.

Carmo – Aposto dez...

Maria – Pago... e subo mais vinte.

Carmo (*apostando*) – Pago para ver.

Carmo e Maria mostram as cartas. Maria sorri, vitoriosa. Carmo fica desfeita.

Maria – Ah, agora sou eu a fazer uma pergunta... À Carmo.

Inquietação de Carmo.

Maria – Alguma vez cometeu uma falta profissional grave e a escondeu?

Carmo, muito perturbada, avança até à boca de cena, como se fosse confessar-se. Em vez disso, tira a camisola.

Escuro.

A luz volta. Carmo está no mesmo lugar, à frente da cena. Percebe-se que voltou a perder.

Maria – Repito a pergunta... Alguma vez cometeu uma falta profissional grave?

Carmo prepara-se para tirar a parte de baixo, mas desiste e fala quase num sussurro.

Carmo (*muito baixo*) – Sim...

Maria – Desculpe?

Carmo – Sim!

Maria – Qual?

Carmo – Está bem, eu conto... Mas isto não sai daqui, prometem?

Pedro e Maria acenam hipocritamente com a cabeça.

Pedro – Imagine que está numa igreja e que somos os seus confessores...

O ambiente de fumo não podia estar mais pesado.

Joaquim (*divertido*) – Uma igreja...?

Maria – Ou numa sinagoga, se preferir.

Carmo – Mas há confessionários nas sinagogas?

Pedro (*impaciente*) – Sei lá... Imagine que está num programa de televisão!

Carmo – Foi há uns seis meses. Numa das minhas missões, fiz despedir um quadro superior e a companheira, que trabalhavam na empresa que eu estava a auditar. Tinha a certeza de que andavam a desviar dinheiro. Ele estava lá há vinte anos e não aguentou. Suicidou-se... Com a mulher.

Pedro e Maria trocam um olhar de satisfação: finalmente têm com que comprometer Carmo.

Carmo – Abriram o gás...

Pedro (*a medo*) – Os vizinhos da frente...!

Carmo – Perdão?

Pedro – Não, nada...

Carmo – Logo depois do funeral, percebi que não tinham culpa de nada... Tinha-me enganado numa soma. Mas não contei a ninguém. E nunca fiz nada para limpar o nome daquelas pessoas... Tinha demasiada vergonha. (*Chora.*) E eu que nunca me engano nas contas...

Joaquim consola-a.

Joaquim (*a Pedro e Maria*) – Ela fica sempre muito abalada quando fala disto... (*A Carmo*) Queres ir para casa, querida?

Pedro e Maria trocam olhares coniventes.

Maria – Sim, já chega, talvez...

Carmo (*recuperando a compostura*) – Não, não quero estragar-vos a noite... Estou bem. E não se interrompe uma partida de póquer assim. (*Ameaçadora.*) Ainda nem todos falaram...

Carmo esvazia o copo de uma só vez.

Pedro – Assim sendo...

Joaquim distribui as cartas. Voltam a jogar, em silêncio. A tensão é cada vez maior.

Maria – Três cartas...

Pedro – Não troco nenhuma.

Carmo – Continuo...

Joaquim – Pago para ver...

Mostram as cartas.

Carmo – Tenho um par...

Joaquim – Um trio...

Maria – Póquer de damas...

Pedro (*triunfante*) – Póquer de reis!

Mal-estar dos outros.

Pedro – Joaquim... Por acaso sabe o que aconteceu ao gato que encontrei esta manhã no caixote do lixo...?

Estupefação de Maria. Embaraço de Joaquim e Carmo.

Pedro – Tem que dizer a verdade...

Joaquim dirige-se à boca de cena, pronto a confessar. Mas tira as calças e fica em cuecas.

Escuro.

A luz acende-se de novo e Joaquim continua na berlinda, na boca de cena. Percebe-se que perdeu outra vez.

Pedro – Então, o gato?

Joaquim prepara-se para tirar as cuecas, mas Carmo responde por ele.

Carmo – O gato já me tinha comido três plantas na varanda... Na véspera, reguei a quarta com arsénico.

Maria desata a chorar.

Pedro – Meu Deus... O gato morreu...

Mal-estar.

Joaquim (*tentando desanuviar*) – Fazemos mais uma mão? Para me poder desforrar...

Carmo – Está bem, mas depois vamos todos para a cama.

Os outros ficam sem saber como interpretar a última frase.

Nova mão. Maria distribui as cartas. Apostam, com a tensão a aumentar.

Pedro – Carta.

Carmo – Carta.

Joaquim – Não troco nenhuma.

Maria – Carta.

Joaquim aposta todos os botões que lhe restam.

Joaquim – All-in!

Maria – Desisto...

Pedro – Desisto...

Carmo – Eu também...

Joaquim recolhe os botões. Está radiante. Maria vê, horrorizada, que é ela quem tem menos.

Joaquim – Agora sou eu a fazer uma pergunta...

Maria (*em pânico*) – Mas não mostrou as cartas!

Joaquim – Não tenho de mostrar! Vocês desistiram todos!

Olha para os outros três, um por um, para manter o suspense.

Joaquim – É a Maria que tem menos botões... Por isso aqui vai...

Mal-estar de Maria.

Joaquim (*implacável*) – Alguma vez traiu o seu marido?

Maria fica calada. Pedro, inquieto, olha para ela.

Carmo – Todos jogámos limpo. Agora tem de nos dizer a verdade...

Maria avança para a boca de cena e tira a camisola.

Escuro.

Luz.

Joaquim (*implacável*) – Alguma vez traiu o seu marido?

Maria, cada vez mais embaraçada, tira a saia e fica em combinação.

Escuro.

Luz.

Joaquim (*implacável*) – Alguma vez traiu o seu marido?

Maria faz menção de tirar a última peça de roupa, mas acaba por falar.

Maria – Uma vez... Só uma vez... Foi... um erro.

Pedro fica destroçado.

Carmo (*irónica*) – Um erro? Como o da tenda?

Maria – Sim, pode dizer-se que sim...

Joaquim – Mas não se confunde um marido com outro como quem se engana num número de telefone...

Carmo – E quando nos enganamos no número, podemos sempre desligar antes de começar a conversa...

Maria – Digamos que não tive o bom senso de desligar a tempo... Sempre fui muito faladora ao telefone...

Carmo – E tinha contado ao seu marido antes desta noite?

Maria – Não...

Carmo – Porquê?

Maria – Consegui passar os alarmes sem os fazer disparar... Depois já não tive coragem para voltar atrás e pagar...

Mal-estar. Pedro e Maria evitam olhar um para o outro.

Joaquim – Bom... Se calhar vamos andando...

Pedro (*a Joaquim*) – Estava a fazer bluff?

Joaquim, contente consigo próprio, mostra as cartas.

Joaquim – Só tinha um par pequeno...

Carmo e Joaquim levantam-se e preparam-se para ir embora.

Joaquim (*a Pedro*) – Também gostava de lhe fazer uma pergunta...

Pedro – O jogo já acabou.

Joaquim – Mostrei-lhe o meu par...

Pedro – Vá lá, pergunte...

Joaquim – É mesmo ator?

Pedro – Não. Mas escrevo peças de teatro... Durante o horário de trabalho... Na Biblioteca Nacional.

Carmo – Estou a ver... Posso contar com a vossa discrição?

Pedro – Sobre os vizinhos da frente? Se escrever no seu relatório que sou o funcionário mais produtivo da Biblioteca Nacional e que não posso, de maneira nenhuma, ser substituído por um computador...

Carmo percebe a chantagem.

Carmo – Não se importam que vá à cozinha buscar um copo de água? Não me sinto muito bem...

Maria – Com certeza, faça o favor...

Carmo vai até à cozinha.

Joaquim – A próxima vez convidamos nós... Jogaremos um Scrabble, para variar um pouco...

Carmo regressa.

Joaquim – Então até logo?

Pedro (*para Carmo*) – Até amanhã...?

Os vizinhos saem. Pedro e Maria ficam sem coragem de olhar um para o outro. O telemóvel de Maria toca.

Pedro – Não atendes?

Maria – Nem sei se é para mim ou para ti. Deste o meu número a todos os teus amigos...

Pedro – Porque tenho confiança em ti...

Embaraço de Maria.

Pedro (*mais sério*) – Quem era... o número errado?

Maria – O Júlio...

Pedro – Não acredito... Nunca teria desconfiado dele...

Maria abraça Pedro para lhe pedir perdão.

Maria – E se acabássemos a nossa partida de strip poker?

Pedro – All-in!

Ouve-se uma música sugestiva. Maria começa a fazer um striptease. Pedro senta-se para assistir e tira um enorme charuto. Prepara-se para o acender com um fósforo.

Por um instante, vê-se Carmo a espreitá-los, com uma máscara antigás. Depois desaparece.

Maria para de repente, ao mesmo tempo que a música.

Maria (*inquieta*) – Não te cheira a gás?

Pedro faz um gesto de indiferença e acende o fósforo. Escuro, seguido de um clarão e do estrondo de uma explosão.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris - Janvier 2017
© La Comédiathèque - ISBN 978-2-37705-075-8

Documento para download gratuito